

# Senador defende devolução

Em sua primeira entrevista como candidato ao governo do Rio, o senador Nélson Carneiro (PMDB) admitiu que conta com o apoio dos eleitores do presidente Fernando Collor. "Nunca vi ninguém dizer que não quer o voto desse ou daquele outro. E, além do mais, não se pode começar uma campanha brigando com o presidente da República", justificou. Nélson garantiu, no entanto, que isso nada tem a ver com a tumultuada sessão do Congresso, na noite de segunda-feira, quando ele impediu a votação da Lei de Diretrizes Orçamentárias (LDO). Seu gesto favoreceria o governo, não fosse a liminar concedida ontem pelo Supremo Tribunal Federal (STF).

O senador — que preside o Congresso — alegou falta de quórum para a votação da LDO e a devolveu ao Palácio do Planalto, para sanção do presidente. Por tabela, ele acabou adiando para depois do recesso parlamentar a apreciação de nova lei salarial. "Eu respeitei o Artigo 35 das disposições transitórias da Constituição, que restringia a 30 de ju-

nho o prazo para a lei ser votada", explicou Nélson. "Cheguei a desrespeitar o regimento interno do Congresso, dando à sessão de sábado caráter ordinário, quando era extraordinário. Na segunda-feira, não tivemos quórum. Fiz o que devia. Não quis agradar o presidente Collor", defendeu-se.

Irritado, o senador transformou a entrevista coletiva em que falaria de sua candidatura, na sede do PMDB, no Centro do Rio, em desabafo. "O presidente do Congresso não faz política para favorecer terceiros. O presidente do Congresso não é de partido nenhum. No dia em que ele vira presidente do Congresso, deixa de ter partido e passa a ser apenas presidente do Congresso", disse. Nélson assegurou que a participação do partido de Collor na coligação Aliança Progressista (PMDB-PTB-PFL-PRN) não influenciou seu comportamento na sessão de segunda-feira. "O PRN me apoia, mas o programa de governo será meu", devolveu.